

“Londrina Memória Viva”: Novas Perspectivas sobre Fotografia e História no Facebook¹

Maria Luisa HOFFMANN²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP

Resumo

O presente ensaio objetiva aprofundar-se nas novas perspectivas históricas que emergiram com a criação do grupo “Londrina Memória Viva” (LMV), alocado na rede social Facebook, a partir da observação participante e de entrevista com um dos idealizadores. Para tanto, apresenta considerações sobre o ciberespaço e as características das redes sociais, focando nas possibilidades de interação nelas desenvolvidas. No agrupamento, objeto deste texto, antigos moradores e interessados se reuniram para compartilhar imagens e conhecimentos sobre o passado da cidade, período sobre o qual o Museu Histórico tem poucas pesquisas ou documentos imagéticos. A partir da interação de seus membros, o LMV tem levantado informações históricas importantes e recuperado acervos familiares que de outra forma permaneceriam no âmbito particular e que, como decorrer dos anos, possivelmente seriam perdidos.

Palavras-chave: redes sociais; grupos do Facebook; fotografia e memória; história do norte do Paraná.

INTRODUÇÃO

Novas tecnologias a serviço da história. Esse foi o pensamento que culminou na elaboração deste ensaio. Durante a produção de minha tese de doutoramento, na qual entrevistei pioneiros de Londrina (PR) com o auxílio de fotografias antigas da cidade - que serviram como “gatilhos de memórias”, deparei-me com Marly Idehira, filha de Arialde Idehira, uma das entrevistadas, que me apresentou um grupo formado na rede social Facebook denominado “Londrina Memória Viva” (LMV).

Solicitei ingresso no grupo no dia 12 de julho de 2013, e a partir de então, a rede social, usada informalmente e que até então acreditava não ter grande impacto na área acadêmica, apresentou-me novas perspectivas e possibilidades.

Nesse grupo, os participantes postam fotografias da cidade e comentam as imagens dos outros membros compartilhando memórias, histórias e referências bibliográficas sobre a temática. Naquele momento da minha tese, pesquisava 50 imagens de Londrina das décadas

¹ Trabalho apresentado no GP de Fotografia, no XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Especialização em Fotografia Práxis e Discurso Fotográfico da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente na Graduação em Comunicação Social da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). E-mail: maluhoffmann@yahoo.com

de 1930 a 1950 e confrontava as informações obtidas com as informações repassadas pelas fontes orais, 12 até então. A rede social ajudou-me a encontrar outras fontes e a obter novas informações sobre as imagens analisadas. O método proposto para a compreensão do funcionamento do grupo e de suas possíveis contribuições foi o da observação participante, com entrevista com um dos idealizadores. Para compreender a dinâmica dessas redes e as relações entre comunidades na internet, se fazem necessários alguns apontamentos teóricos e uma breve introdução sobre a história do Facebook.

REDES SOCIAIS E O FACEBOOK

Idealizada em outubro de 2003, a rede social Facebook foi desenvolvida pelo universitário Mark Zuckerberg baseada em outra rede, a Facemash. A ideia era que estudantes de Harvard pudessem escolher pela internet os amigos mais atraentes. Os primeiros três estudantes a ingressarem na rede foram Chris Hughes, Eduardo Saverin e Dustin Moskovitz, co-fundadores do projeto.

Em janeiro de 2004, Zuckerberg criou o thefacebook, lançado no mês seguinte. Em setembro, a página passou a contar com um mural, através do qual os estudantes poderiam trocar recados. No final de 2005, ocorreu mais uma importante mudança: os usuários poderiam compartilhar fotos e a rede foi liberada para estudantes de todo mundo. No ano seguinte, o Facebook já permitia que qualquer pessoa adentrasse na rede.

No Brasil, outra rede social precedeu o *boom* do Facebook: o Orkut. Hoje, os brasileiros participam ativamente de várias redes sociais digitais, como Instagram, Twitter e Youtube. Porém, segundo dados da Hitwise (FACEBOOK..., 2014), ferramenta de inteligência em marketing digital da Serasa Experian, o Facebook é a página mais visitada, com 70,1% dos acessos no país e mais de 76 milhões de participantes brasileiros.

O Facebook agrega em sua plataforma recursos que permitem interação com a exibição e compartilhamento de fotos e vídeos, links, documentos, agendamento de atividades, *chat* e agrupamentos em torno de interesses em comum. Lévy (1999, p.29) já apontava para as perspectivas no ciberespaço, quando afirmou que esse ambiente apresentava-se como um instrumento da inteligência coletiva, no qual pesquisadores e estudantes de todo o mundo poderiam trocar ideias, artigos, imagens e experiências.

Cavalcanti e Castelo Branco (2011, p.2) apresentam o Facebook como uma “rede disseminadora de informações que exige uma compreensão [... do] modo de

comportamentos dos coletivos, interesses e o modo de disseminação de pensamentos e informações”.

De acordo com Acioli (2007, p.3), o termo rede social foi cunhado por Radcliffe-Brown na década de 1950 e pretendia caracterizar uma estrutura social como uma rede de relações institucionalmente controladas ou definidas. Outros pensadores apontam que o termo teria sido utilizado pela primeira vez por Barnes (1972) em 1954 com a mesma definição. A ideia que se tem hoje, porém, está atrelada à plataforma digital e às tecnologias de informação. Segundo Recuero (2009a, p.31), caracteriza-se como tal uma rede que tenha “sempre um caráter social perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo”.

A virtualização da informação trouxe uma nova perspectiva sobre as consolidadas formas de se comunicar, permitindo ao indivíduo não apenas compartilhar informações, como também estar em outros lugares e com outras pessoas sem sair de casa (LÉVY, 1999). Com a internet, as possibilidades de comunicação mudaram e foram - para aqueles que a utilizam - potencializadas.

Essas ferramentas proporcionam, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e visualização de suas redes sociais através desses rastros. É o surgimento dessa possibilidade de estudo [...] que dá novo folêgo à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90. É, neste âmbito, que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social (RECUERO, 2009a, p.24).

Weissberg (2004, p.123) afirma que a rede social é tecida progressivamente por cooperação a partir dos atores, o que faz dela uma construção coletiva. Para Wellman (2002, p.2), complexas redes sociais sempre existiram, mas “os recentes desenvolvimentos tecnológicos permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Assim como a rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e conhecimento”.

De acordo com Castells (2001), a internet é um instrumento fundamental para o desenvolvimento do Terceiro Mundo, mas sua centralidade em áreas da atividade social, econômica e política equivale à marginalidade para aqueles que não têm acesso a ela ou aqueles que são incapazes de usá-la eficazmente. “A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade” (CASTELLS, 1999, p.497).

Giddens (1991, p.175) acrescenta:

As tendências globalizantes da modernidade são simultaneamente extensionais e intencionais – elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos pólos local e global. Muitos dos fenômenos freqüentemente rotulados como pós-modernos na verdade dizem respeito à experiência de viver num mundo em que a presença e ausência se combinam de maneiras historicamente novas.

Apesar de sua potencialidade como construtora de conhecimento, muitas vezes existe nessas redes uma sobrecarga de informações com baixa qualidade e fragmentação. Ainda sim, esses ambientes virtuais fazem surgir novas “possibilidades de interações não previstas, novas formas de estruturação da realidade, e conseqüentemente a reinvenção de formas de comunicação de saberes e práticas” (ACIOLI, 2007, p.10).

AGRUPAMENTOS E POSSIBILIDADES

De acordo com Pierre Lévy (1999, p.219) o ciberespaço possibilita novos planos de existência nos modos de relação, com comunicação interativa e comunitária de todos com todos no centro de espaços informacionais coletivamente e continuamente reconstruídos, e nos modos de conhecimentos, de aprendizagem e de pensamento. O autor também defende que a participação em comunidades virtuais se dá como um estímulo à formação de inteligências coletivas, às quais os indivíduos podem recorrer para trocar informações e conhecimentos ou fomentar ações. Acrescenta-se a isto o fato de ter grande capacidade de transmissão de informação, tornando-se espaço de discussões.

Recuero (2009b) salienta que a participação na internet se dá em escala global, nunca antes proporcionada por nenhum meio de comunicação a indivíduos. “Nesse contexto, observamos novas práticas sociais que emergem da apropriação desses sistemas, primeiro com a popularização das salas de bate-papo, depois com ferramentas como fóruns, blogs, fotologs e, finalmente, através dos chamados sites de redes sociais”.

As redes *on-line* são formas de sociabilidade dinâmicas, construídas em torno de interesses específicos (CASTELLS, 2001). Loiola e Moura (1997) apontam que essas redes são estruturas informais que articulam indivíduos que passam a interagir de acordo com interesses e que podem desenvolver relações de afeto.

Da existência de interesses específicos e de ligações entre alguns membros, se formariam grupos e comunidades, nos quais existe “comprometimento, a organização e a predominância dos laços fortes” (RECUERO, 2009a, p.146). Para Wellman (1997), os

laços podem ser fortes ou fracos, de acordo com a qualidade das interações e das trocas sociais realizadas entre os atores. Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade e pela proximidade e os fracos são caracterizados por relações esparsas.

Os grupos, dentro das redes, criaram ambientes de afinidade subjetiva nos quais as pessoas podem se manifestar e interagir com grande número de usuários. Além disso, cada indivíduo que atua nas redes influencia não só seus amigos, mas os participantes das comunidades às quais pertence, o que multiplica e amplifica quaisquer mensagens de interesse.

Estar em rede, para Rocha (2005, p.3), significa ser capaz de fazer uso da capacidade de ser sujeito ativo, sugerir mudanças e incentivar articulações. Já para Wellman (1997, p.11), as redes são apenas um método de manutenção de vínculos sociais, e o conceito de comunidade nesses ambientes – abertos e em permanente mudança – permite o alargamento desses laços.

No caso do Grupo “Londrina Memória Viva”, objeto deste trabalho, os membros a princípio se agruparam de acordo com o interesse em compartilhar informações sobre a cidade, com a qual mantém uma relação de afeto. Os primeiros membros conheciam-se entre si, eram amigos e moradores da cidade. Conforme o grupo foi crescendo, agruparam-se outros membros que compartilham um laço afetivo com o lugar de pertencimento, ou seja, tinham um interesse em comum. A partir desse interesse, publicam aquilo que acreditam ter importância.

De acordo com Recuero (2009a, p.151), esses agrupamentos que surgem através da interação social mútua, estão baseados em pertencimento relacional, e nas trocas comunicativas. “São grupos criados através da associação a uma ideia, uma proposta. [...] Pode-se dizer, assim, que conceito de comunidade virtual é uma tentativa de explicar os agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço” (RECUERO, 2009a, p.146).

MEMÓRIAS E FOTOGRAFIAS COMPARTILHADAS

Criado no mês de junho de 2012 por um grupo de amigos de infância, o “Londrina Memória Viva”, hospedado no Facebook, tinha em fevereiro de 2014, 2.790 membros. Em maio do mesmo ano, esse número chegou a 4.257. A ideia de criar o grupo surgiu em maio de 2012, quando uma imagem do Centro Comercial de Londrina, postada pelo usuário Wilson Vieira, foi compartilhada pela amiga Hylea Ferraz, e comentada por vários amigos de infância.

Compartilhei a foto do Wilson Vieira e vários amigos de infância começaram a comentar. Éramos oito naquele dia, não nos vemos há anos e desses, três moram no exterior: um em Londres, outro na Espanha e um nos Estados Unidos. Daí eu comecei a me dar conta do poder da internet, como que pessoas que não se falam há 30 anos estavam conversando sobre o mesmo assunto e trazendo à tona emoções daquela época, e eu comecei a ver o quanto nos tínhamos os mesmos anseios e vieram lembranças da época de lugares e pessoas, foi uma avalanche de sentimentos (FERRAZ, 2014).

Para Rheingold (1996), as comunidades virtuais emergem quando pessoas se engajam em discussões públicas com emoção para formar teias de relações pessoais. O grupo - criado nessas condições, conta com cinco administradores (um mora em Amsterdã, outro em São Paulo e os demais em Londrina), mas atualmente apenas Hylea Ferraz aprova ou exclui integrantes. Aqueles que excedem as regras ou levantam temas já discutidos ou de cunho político, são retirados do LMV. O recorte temporal proposto para as imagens postadas, décadas de 1950 a 1980, justifica-se por duas razões: por se tratar do período em que conviveram os idealizadores e pelo fato do Museu Histórico de Londrina não possuir muitas pesquisas e documentos imagéticos dessas décadas.

Segundo orientações descritas no próprio Facebook, são bem-vindos recortes de jornais, imagens e outros arquivos do período proposto com legendas, datas e outras informações pertinentes. “A partir de então, as pessoas começaram a postar suas fotos que estavam em caixas, principalmente aquelas que os participantes apareciam. Postaram uma foto da minha turma de 1966 do primário e as pessoas começaram a se identificar. De uns 40 alunos, 20 se encontraram na imagem” (FERRAZ, 2014).

Dessa maneira, os integrantes se reconhecem e marcam amigos nos comentários das imagens, apontando pessoas e descendentes dos fotografados (Figura 1), identificações que de outra forma talvez não seriam realizadas. Segundo Kossoy (2012, p.31) essa atitude é importante, pois “à medida que esta [a fotografia] se distancia da época em que foi produzida, mais difíceis as possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas”.

Recomenda-se que antes de postar, o participante veja se o tópico já não foi aberto, evitando informações duplicadas. Além disso, não é permitido compartilhar imagens do grupo em páginas particulares sem a prévia autorização do proprietário.

Segundo Ferraz (2014), das quatro mil pessoas adicionadas, apenas 600 interagem, as outras participam como observadores. “Dos fundadores, seis já morreram. Quem vive mesmo aquilo é o pessoal que tem de 50 a 80 anos. E nós estamos ali para contar a história.

Ali é possível que os outros confirmem os fatos, gerando discussões que acabam levantando novas imagens que estavam nos baús” (FERRAZ, 2014).

Figura 1 – Exemplo de fotografia postada e comentada por participantes do grupo



Fonte: Grupo “Londrina Memória Viva”

Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/319607204795765/>

Acesso em: 27 maio 2014.

Na classificação de Recuero (2009a), essas conexões se caracterizam como emergentes, pois apresentam aprofundamento nos laços sociais construídos através da conversação entre os atores. No “Londrina Memória Viva” a força desses laços - retomados com os amigos da infância ou criado a partir da interação no grupo -, culminou na reunião dos membros fora do ciberespaço. Além das discussões virtuais, são promovidos encontros e festas, atraindo aqueles que não residem mais na cidade. De acordo com a administradora (FERRAZ, 2014), muitos deles haviam se afastado do convívio social, e esses encontros fizeram que com voltassem a sair de casa. Alguns membros, porém, continuam acompanhando apenas virtualmente as postagens e comentários.

Wellman (1997) considera que as comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, integração e identidade social. O conteúdo trocado a partir das interações define o tipo de relação entre os sujeitos, que depende, em parte, do sentimento de pertencer ao grupo. Nesse caso, o agrupamento proporciona a interação e a

retomada de laços afetivos, e por meio das publicações, é possível identificar o sentimento de pertencimento à cidade.

Esse sentimento, segundo Augé (1994), caracteriza-se pela sensação de enraizamento e por uma estabilidade mínima entre identidade e relação com o lugar: Londrina. Assim como os cenários, a cidade e sua arquitetura podem criar espaços que geram no sujeito sentimento e relações de afeto. E as fotografias da cidade e o contato com antigos moradores trazem à tona a sensação de fazer parte. Para Recuero (2009a, p.136), os grupos “seriam construídos por uma nova forma de sociabilidade, decorrente da interação mediada pelo computador”.

Atualmente, os administradores estão organizando um site e uma exposição em comemoração aos 80 anos da cidade com fotografias inéditas de acervos familiares dos usuários. Para tanto, estão recolhendo as imagens selecionadas e recebem diariamente milhares de registros – virtual ou fisicamente. Um dos participantes, antigo morador de Londrina, reside atualmente no Japão e ficou responsável por tratar as imagens e enviá-las novamente ao grupo.

As pessoas estão nos entregando milhares de fotos, até do exterior, e comentam que estavam jogando essas imagens fora. Desses acervos, alguns são doações e outros foram emprestados para digitalização. E quando lançarmos a exposição, tenho certeza que muitas outras pessoas vão despertar para isso. Esses arquivos estão sendo levados para o museu, mas ficam separados. Depois dos proprietários assinarem o termo de direito de imagem, vamos digitaliza-los, devolver aqueles que foram emprestados e encaminhar em definitivo para o acervo do Museu aqueles que foram doados (FERRAZ, 2014).

Dessa maneira, o grupo está reunindo um acervo inédito, material e imaterial (*on-line*), a partir da doação de antigos moradores. E apesar do recorte temporal proposto, quando surge uma fotografia anterior interessante, a postagem é comentada e “curtida” por muitos participantes. Alguns deles propõem brincadeiras como a postagem de personagens conhecidos do período, estimulando os demais membros a descobrir quem são os fotografados.

Costa (2005) afirma que, com o surgimento das redes sociais, nasce uma nova forma de atividade coletiva, que levaria à interatividade e à colaboração. A partir dessa perspectiva promissora no ciberespaço, fiz minha primeira participação no grupo, no dia 17 de julho de 2013. Postei uma imagem (Figura 2) da primeira turma do colégio Mãe de Deus produzida em 1936, primeira década de colonização da cidade. Apesar de não se tratar

de uma imagem do período proposto pelo LMV, expliquei que estava escrevendo minha tese e que precisava de informações sobre as imagens e novas fontes para entrevistas.

Figura 2 – Primeira turma do colégio Mãe de Deus, 1936



Fotógrafo: Autor Desconhecido

Acervo: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

No dia seguinte, o participante Jaime Carvalho me escreveu dizendo que seu pai estava na imagem e que eu poderia entrevista-lo. Jaime, que mora em Amsterdã (Holanda), intercedeu e marcou a entrevista com seu pai, que mora em Londrina. No dia 21 de julho realizei a entrevista que se mostrou muito proveitosa. José Leite de Carvalho Filho se identificou na imagem (Figura 3) e contou que sua madrinha havia confeccionado essa roupa especialmente para a ocasião.

Figura 3 – José Leite de Carvalho Filho



Fotógrafo: Autor Desconhecido

Acervo: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

A partir da identificação dos personagens e da interpretação do documento imagético, é possível compreender determinado momento histórico e contribuir com a construção da memória da cidade. Os documentos e informações postadas no grupo

propiciam renovar as interpretações históricas, a partir dos comentários dos participantes que viveram no período. Por reunir antigos moradores que valorizam a memória – coletiva ou imagética –, o grupo acaba se consolidando como uma fonte exponencial para se obter fotografias, contato de fontes e informações inéditas sobre o passado de Londrina.

FOTOGRAFIA, GATILHO DE MEMÓRIAS

As fotografias postadas no grupo trazem consigo histórias em suspensão que se busca desvendar, preenchendo lacunas de uma narrativa histórica construída pelo homem e para o homem. “O referente é representado pela foto como uma realidade empírica, mas ‘branca’: sua significação permanece enigmática para nós, a menos que façamos parte ativa da situação de enunciação de onde provem a imagem” (DUBOIS, 1986, p.50).

Paiva (2006, p.14) intitula o universo iconográfico como figurações da memória, pois as imagens integram a base da formação e de sustentação do imaginário social. Segundo o autor (PAIVA, 2006, p.26) o imaginário não é um mundo a parte da realidade histórica, “uma espécie de nuvens carregadas de imagens e representações que pairam sobre nossas cabeças”, mas que não fazem parte de nosso mundo e de nossas vidas. “Ao contrário, esse campo icônico e figurativo influencia, diretamente, nossos julgamentos; nossas formas de viver; de trabalhar.”

As imagens dos acervos dos participantes são suportes da memória e do imaginário, e assim como outros objetos, despertam lembranças. Alguns deles são biográficos, como indica Bosi (2007), pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida. Outros não nos pertencem, mas trazem consigo indícios de nosso passado, como as fotografias do outro.

No “Londrina Memória Viva”, a maioria das fotografias faz parte de álbuns de família, e segundo Silva (2008, p.22), esses álbuns falam “de nossas origens, mas também do que queremos fazer da nossa vida no futuro. Nós somos o álbum, convertendo-se ele próprio em consciência visual de nosso trânsito pelo tempo e pela vida”. E o registro fotográfico seria a captação de certos momentos-chave na ritualística das pessoas (SILVA, 2008, p.58). Quando compartilhadas no grupo, os indivíduos ficam diante da imagem de personagens e lugares que reconhecem, e que estão relacionados às suas histórias. O referente traz à memória o ausente na imagem fotográfica e as lembranças do passado.

Acredita-se, assim como o faz Le Goff (1990, p.467), que a fotografia revoluciona a memória, multiplica-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.

A experiência visual do homem quando diante da imagem de si mesmo, retratado por ocasião das mais corriqueiras e importantes situações de seu passado, leva à reflexão do significado da fotografia na vida das pessoas. [...] Pelas fotos dos álbuns de família, constata-se a ação inexorável do tempo e das marcas por ele deixadas (KOSSOY, 1989, p.67-68).

As fotografias da família são uma espécie de patrimônio simbólico, que asseguram a coesão, pertencimento, identidade e referência. A partir daquilo que foi registrado no documento iconográfico, os participantes do grupo recordam, além de suas histórias, as de outras pessoas, outros momentos e lugares onde moravam outras famílias.

Segundo Halbwachs (2004), são os grupos dos quais participamos que determinam os limites até onde retrocedemos no passado, o que explica porque os pensamentos individuais conseguem retomar lembranças mais ou menos remotas. Quando rememora, o homem relaciona os sentidos presentes à experiência do passado, o que para Thompson (2002) é necessário para a construção e manutenção da identidade. De acordo com Pollak (1992, p.204):

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Nessa dinâmica, entre memórias individuais e coletivas, entre lembranças e esquecimentos, novas informações podem ser apreendidas e repensadas, e o passado pode ser ressignificado, rompendo e renovando interpretações históricas, assumidas algumas vezes acriticamente. Dessa maneira, “as imagens revelam seu significado quando ultrapassam sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas” (KOSSOY, 2007, p.147).

REPENSANDO A HISTÓRIA... EM REDE

Criado na rede social Facebook, o grupo “Londrina Memória Viva” apresenta novas possibilidades de apreensão do passado por meio de imagens, conectando pessoas e fontes em diferentes lugares do mundo e que podem renovar interpretações da história. Além disso, nesse “espaço”, os usuários compartilham fotografias de acervos familiares que retratam a cidade e os personagens do passado, registros que de outra forma não seriam conhecidos ou divulgados.

Por meio das fotografias postadas, é possível revisitar o passado com os olhos do presente, que implica na releitura da história. Isso porque, não se deve esquecer, “que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p.20). Em cada ato de rememoração, os participantes do grupo organizam suas ideias e repensam sua história e a da cidade de modo participativo. Henry Jenkins (2009) utilizou o termo “cultura participativa” para tratar desta nova realidade, de convergência de mídias que permitem audiência comunitária.

Didi-Huberman (2002, p.328) afirmou que exumar os objetos do passado, significa modificar tanto o presente como o próprio passado. E essa ressignificação é o que torna a história um campo de conhecimento que não para de se renovar.

As diferentes compreensões que cada momento histórico produz das imagens são capazes de alterar versões historiográficas já existentes. Esse movimento é inevitável e é, também, vital, pois é um movimento da própria história, que não é em nada pronta, fixa e imutável (PAIVA, 2006, p.21-22).

O mergulho nesses objetos e as considerações feitas a partir deles, “assim como as versões históricas, são todas filhas de seu tempo” (PAIVA, 2006, p.33). Com os olhos do presente, as discussões que se desenrolam no agrupamento virtual buscam valorizar a história do homem comum, relacionando-o a sua época, fugindo de generalizações, revelando fatos e personagens que em outras esferas, macroanalíticas, passariam despercebidos.

A história não deve se ater a grandes modelos teóricos que limitam sua compreensão do passado, e deve lançar mão dos mais diferentes indícios do homem - seja o escrito, o imagético ou o oral - e das ferramentas que a tecnologia nos apresenta. Se por anos a disciplina se fechou à pluralidade da documentação e possibilidades, a utilização das redes sociais em ascensão mostra-se como uma estratégia de reafirmar a história como uma ciência humana, interessada pelo homem e por tudo aquilo que o liga a seu passado, mas também ao seu presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja na história da fotografia ou nos processos de comunicação entre os homens, a evolução tecnológica é determinante e acaba definindo funções e papéis sociais. No ciberespaço, as possibilidades de disseminação de informações alavancaram novas

perspectivas de interação e associação na construção do conhecimento, com destaque para as redes sociais, que passaram a ocupar um lugar importante no vínculo entre os indivíduos.

Para Mazman e Usluel (2009) essas redes podem ser ferramentas favoráveis para fins educacionais, pois facilitam a aprendizagem informal devido seu papel ativo no cotidiano dos usuários. A frequente participação e a penetração entre os brasileiros, o amplo alcance e a quantidade de recursos interativos, colocam o Facebook em evidência no cenário atual. Entre esses serviços, destacam-se compartilhamentos e a possibilidade de agrupamentos.

A experiência do grupo “Londrina Memória Viva” mostra-se como uma nova perspectiva para a consolidação da memória, e indica que a população londrinense guarda preciosos acervos que ajudam a contar a história da cidade, com ênfase em um período sobre o qual o museu histórico local possui poucas pesquisas e documentos imagéticos. O agrupamento tornou-se um ponto de encontro, não somente de antigos moradores e interessados no fortalecimento da memória da cidade, mas também de um presente ávido por desvendar o passado.

Referências

ACIOLI, Sonia. Redes Sociais e Teoria Social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*, Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784/1520>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BARNES, John. *Social Networks*. Cambridge: Module 26, 1972. p.1-29.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da informação: Economia, Sociedade e cultura, v.1).

_____. *A galáxia da internet*: reflexões sobre a internet, negócios e sociedade. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CAVALCANTI, Nathanna Fábila de Moraes; CASTELO BRANCO, Gabriel. A utilização das redes sociais virtuais pelos profissionais de inteligência competitiva. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILENÃO DE ADMINISTRAÇÃO, 8., 2011. *Anais eletrônicos...*, 2011. Disponível em: <<http://www.convibra.com.br/umartigo.asp?ev=23&id=3182>>. Acesso em: 12 out. 2013.

COSTA, Rogério da. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-248, mar./ago. 2005. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?id=101667>>. Acesso em: 14 maio 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *L'image survivante*. Histoire de l'Art et Temps des Fantômes selon Aby Warburg. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

DUBOIS, Philipe. *El acto fotográfico: de la representación a la recepción*. Barcelona: Paidós, 1986.

FACEBOOK é líder há dois anos entre redes sociais no Brasil, de acordo com Hitwise. 20 fev. 2014. Disponível em: <http://noticias.serasaexperian.com.br/facebook-e-lider-ha-dois-anos-entre-redes-sociais-no-brasil-de-acordo-com-hitwise/>. Acesso em: 12 fev. 2014.

FERRAZ, Hylea. *Entrevista concedida a Maria Luisa Hoffmann*. 16 maio 2014. 1'20". Gravação em áudio.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Fotografia e História*. 4.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

LOIOLA, Elisabeth; MOURA, Suzana. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. In: FISHER, Tânia (Org.). *Gestão Contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p.53-68.

MAZMAN, Guzin.; USLUEL, Yasemin Kocak. The usage of social networks in educational context. In: *Proceedings of world academy of science, engineering and technology*. v.37. p.404-407, 2009.

PAIVA, Eduardo França. *História & imagens*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009a. Coleção Cibercultura. Disponível em: <<http://issuu.com/midia8/docs/socialmedia>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

_____. *Cinco pontos sobre redes sociais na Internet*, 2009b. Disponível em: <http://www.jornalistasdaweb.com.br/2009/06/01/cinco-pontos-sobre-redes-sociais-na-internet-parte1/>. Acesso em: 19 maio 2014.

RHEINGOLD, H. *A Comunidade Virtual*. Lisboa: Editora Gradiva, 1996.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. *As redes em saúde: entre limites e possibilidades*, 2005. Disponível em: [http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/trabalho_redes1 .pdf](http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/trabalho_redes1.pdf). Acesso em: 27 mar. 2014.

SILVA, Armando. *Álbuns de família: a imagem de nós mesmos*. São Paulo: SENAC, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

WEISSBERG, Jean-Louis. Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, André. *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

WELLMAN, Barry. An Electronic Group is Virtually a Social Network. In: KIESLER, Sarah (Org.) *Culture of Internet*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1997. p.179-205.

_____. The networked Nature of community online and off-line. *IT&SOCIETY*, n.1, v.1, p.115-165. Summer, 2002.